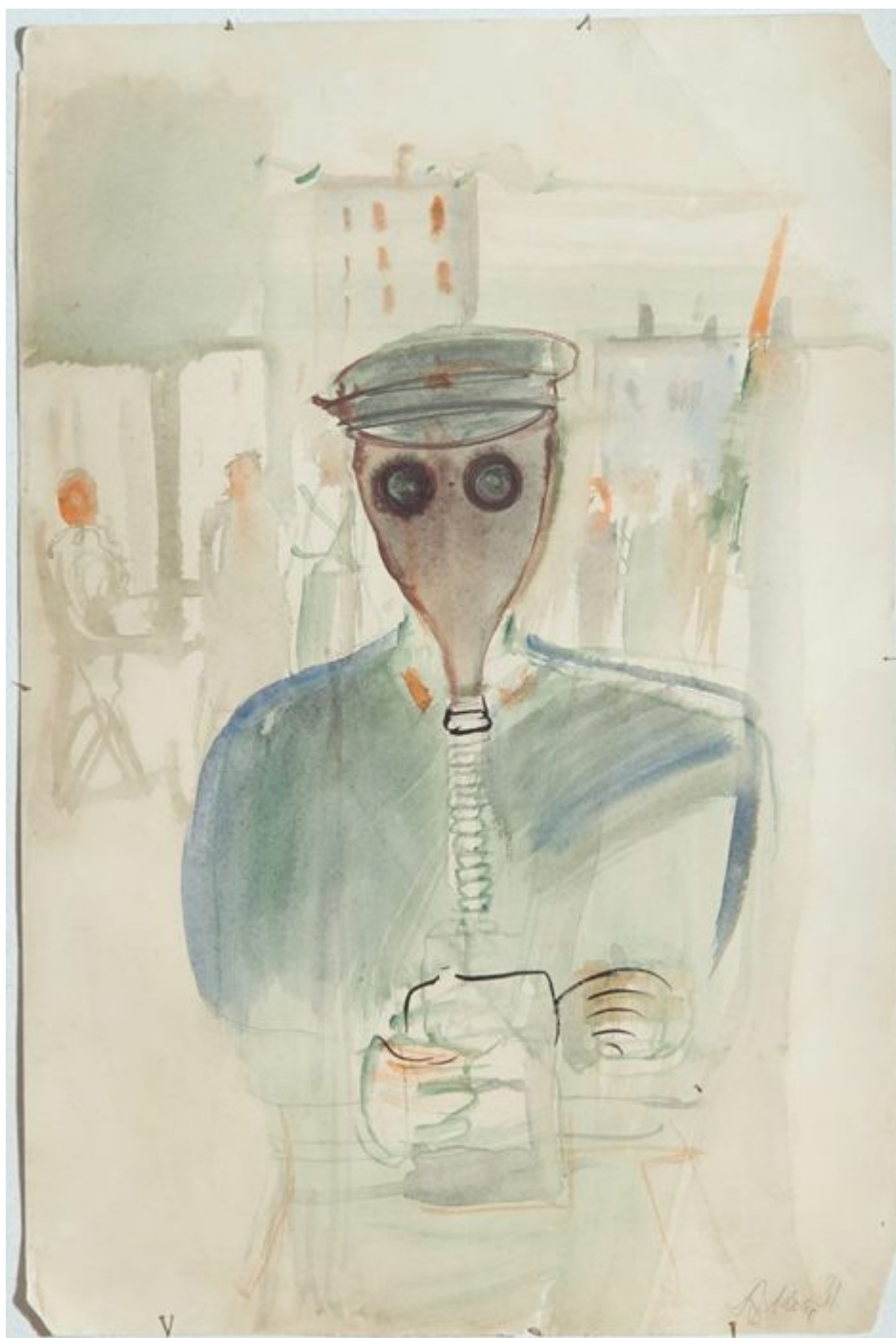


Carta semanal 34 (2018): A raiva monstruosa das armas



Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

“Estamos perdendo a luta contra a fome”, **disse** o subsecretário-geral da ONU para Assuntos Humanitários e Coordenador de Socorro de Emergência – Mark Lowcock – ao Conselho de Segurança da ONU em 21 de setembro. Ele estava falando sobre o Iêmen, que foi bombardeado pela raiva monstruosa dos canhões sauditas dos Emirados desde março de 2015.

Lise Grande, coordenadora humanitária da ONU, concordou, **dizendo** que “não há outro lugar no mundo onde as pessoas estejam sofrendo tanto”. Os fatos são de partir o coração. Três quartos da população precisam desesperadamente de assistência básica, mais de dois milhões de iemenitas estão desalojados dentro do país, mais da metade dos 28 milhões de habitantes do Iêmen precisam de ajuda médica. “As figuras”, disse Grande, “são quase impossíveis de entender”. Uma criança iemenita morre a cada dez minutos. O Comitê da ONU sobre os Direitos da Criança **chamou** as crianças iemenitas de “escombros inocentes deste conflito”.

Esta guerra é a ideia do príncipe herdeiro da Arábia Saudita – Mohammed Bin Salman – que apostou seu prestígio na vitória saudita. A Arábia Saudita disse que entrou em guerra para controlar as ambições iranianas na península. Não houve nenhuma evidência de qualquer influência iraniana no Iêmen, nem de qualquer fornecimento militar iraniano para os grupos iemenitas que a Arábia Saudita quer aniquilar. Como a razão da guerra é ilusória, é impossível para a Arábia Saudita saber quando ganhou – se seu inimigo é um fantasma, como você sabe que o fantasma foi derrotado?

Alegações de crimes de guerra têm sido inúmeras, com ataques a civis – bombardeio de hospitais, escolas, mercados e festas de casamentos. Em um editorial forte, o *The Irish Times* **chama** essa guerra de “uma acusação vergonhosa das potências mundiais”. A declaração é nítida porque os Estados Unidos e o Reino Unido continuam a reabastecer os governos sauditas e dos Emirados com armas que são usadas nesta guerra.

A moralidade não desempenha nenhum papel aqui. O presidente dos EUA, Donald Trump, rejeitou qualquer congelamento na venda de armas à Arábia Saudita, mesmo depois que ficou claro que os sauditas haviam assassinado o jornalista saudita Jamal Khashoggi. Os Estados Unidos são o maior revendedor de armas do mundo, e a Arábia Saudita é seu maior comprador (vinte por cento das vendas de armas dos EUA vão para o reino). Entre 2008-2012 e 2013-2017, as vendas de armas dos EUA para a Arábia Saudita aumentaram 448%. Não é à toa que o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, se sentou com Mohammed Bin Salman e se recusou a falar sobre o assassinato de Khashoggi, e então se apressou a pedir ao governo turco que pedisse uma investigação da morte – que ocorreu no solo turco. Nem os EUA nem os governos do Reino Unido têm o desejo de acabar com as vendas de armas para a Arábia Saudita.

Khashoggi tinha pouca divergência com o regime saudita. Ele havia apoiado a guerra saudita no Iêmen, alegando que a Arábia Saudita precisava combater o Irã, mas no ano passado ficou desanimado com a forma como a guerra prejudicava a reputação do reino. Esta foi uma crítica moderada. No entanto, qualquer crítica é proibida pelo regime, que assassinou brutalmente Jamal Khashoggi. Para mais sobre isso, por favor, veja minha **coluna**.

A **conta** do Twitter dos Prisioneiros de Consciência cataloga a profundidade da versão da Arábia Saudita de Guantánamo – as centenas de jornalistas, intelectuais e ativistas sauditas que desaparecem nas masmorras do reino. Há muito pouca atenção a isso. Entre os presos estão ativistas dos direitos das mulheres – Amal al-Harbi, Aziza al-Yousef, Eman al-Nafjan, Hatoon al-Fassi, Loujain al-Hathloul, Mayaa al-Zahrani, Nassima

al-Sadah, Nouf Abdelaziz e Samar Badawi. Neste verão, Ravina Shamdasani, da ONU, disse que muitas dessas mulheres “desconhecem seu paradeiro”.

A pintura acima é do artista soviético Alexander Labas, “Wearing a Gas Mask” (1931). O título desta carta semanal ecoa uma linha do poema de guerra de Wilfred Owen, Anthem for Doomed Youth (1917).

Quais sinos de passagem para aqueles que morrem como gado?

– Apenas a raiva monstruosa das armas.

Apenas o barulho balbuciante dos rifles

Podem apagar suas pressões precipitadas.

Nenhum fingimento agora para eles; sem orações nem sinos;

Nem qualquer voz de luto economiza os coros,

Os coros estridentes e dementes das bombas que chiam;

E as cornetas chamando por eles, dos tristes condados.

Tanto Labas como Owens foram danificados pela violência da Grande Guerra de 1914-1918. Esse tipo de violência é a violência contra o Iêmen.



É impossível acreditar que o Brasil retornaria a uma ditadura militar, para ser governado pela raiva das armas. Mas, se Jair Bolsonaro, da extrema direita, vencer a eleição do segundo turno para a presidência do país, no dia 28 de outubro, o cheiro de uma ditadura pode ser detectado. Em uma entrevista importante, o líder do MST, João Pedro Stedile, **disse** que a eleição no Brasil não é apenas uma eleição entre dois candidatos, mas uma disputa entre dois projetos – a da burguesia que se reuniu em torno de Bolsonaro e a do povo, que ainda não se encontra totalmente reunida em torno do candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad. A professora Monica Bruckmann, que leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro, me disse que uma vitória de Bolsonaro significará uma “regressão aos dias mais sombrios de governos autoritários no Brasil e na América Latina” (por favor, veja meu **artigo** na *The Hindu* de quinta-feira).

#EleNão, #NotHim, dizem um grande número de brasileiros. Ele significa Bolsonaro. Algumas pesquisas começaram a mostrar que Haddad está ganhando apoio. A corrupção do campo de Bolsonaro pode ser sua ruína. Se esse aumento nas pesquisas pode acontecer rápido o suficiente só será visto na noite de 28 de outubro.

A foto acima, de uma marcha do #EleNão, foi tirada por Tuane Fernandes, do Mídia Ninja.

A violência contra as pessoas comuns que apóiam o Partido dos Trabalhadores é chocante. Tem um efeito assustador na sociedade. É o mesmo tipo de violência que se tornou comum contra os líderes dos moradores de cabanas na África do Sul. A coordenadora do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, Celina della Croce, **entrevistou** um dos líderes dos moradores de cabanas – Sbu Zikode. Isso lhe dá uma noção da resiliência das pessoas. É o mesmo tipo de atitude que se vê no Brasil. Ela não – mas Nós. Essa é a atitude.



Em 1992, o ex-funcionário do governo americano Francis Fukuyama escreveu um livro-referência – O Fim da História. Fukuyama argumentou que o maior conflito ideológico da era passada havia acabado, que o estilo americano de liberalismo tinha ganhado a Guerra Fria e que “a democracia liberal do ocidente” é a “forma

final do governo humano”. Recentemente, Fukuyama olhou as últimas décadas, refletiu sobre a ascensão de “homens poderosos” como o Donald Trump e recuou sobre suas declarações ousadas quando a URSS entrou em colapso. Um jornalista britânico perguntou a ele sobre o retorno do movimento socialista no oeste. A **resposta** de Fukuyama é importante destacar,

Se você quer dizer programas redistributivos que tentam corrigir esse grande desequilíbrio tanto na renda quanto na riqueza que surgiram, acho que não apenas ele pode voltar, mas deve voltar. Esse longo período, que começou com Reagan e Thatcher, em que um certo conjunto de ideias sobre os benefícios dos mercados não regulamentados se consolidou, em muitos aspectos, teve um efeito desastroso.

As observações de Fukuyama devem dar uma pausa para aqueles que entraram no período pós-Guerra Fria com a arrogância de que não há alternativa ao capitalismo monopolista. Esse continua sendo o clima do Fórum Econômico Mundial – mais coloquialmente conhecido pelo nome do lugar onde é realizado, Davos. A reunião anual de 1991 em Davos teve um tema revelador – *A nova direção para a liderança global*. Após a crise financeira global de 2007-08, o tema de Davos em 2009 foi *Moldando o Mundo pós-crise*. Em 1991, havia a opinião de que o Grupo dos Sete (G7) lideraria o mundo, e – mesmo depois de uma grande crise do neoliberalismo – foi o mesmo Comitê para Gerenciar o Mundo que reivindicou liderança.

Quando Fukuyama diz que o socialismo “deveria voltar” deveria nos levar a uma séria consideração do socialismo em nosso tempo. Essa é uma das principais tarefas do **Instituto Tricontinental de Pesquisa social**, estudar os problemas do presente e sinalizar possibilidades para uma vida futura em um sistema que chamamos de socialismo. Recentemente, a revista *Red Pepper* (Reino Unido) me **entrevistou** sobre o trabalho do instituto. Parte de nosso trabalho é recuperar o poder de imaginar alternativas para o sistema mundial. Esse trabalho é profundamente enraizado em nossa própria ideia de pesquisa;

Nossa ideia de pesquisa é um tanto idiossincrática. Acreditamos que a captura neoliberal das instituições acadêmicas dessecou a ideia de pesquisa. Os acadêmicos são treinados para ler a literatura, encontrar lacunas e preencher essas lacunas com seus estudos. Esses tipos de estudos são então publicados em periódicos de “alto fator de impacto”, que ajudam a construir carreiras. O que é deixado de fora aqui são as perguntas feitas pelos movimentos. Nós temos uma visão alternativa. Acreditamos que os movimentos, na luta, revelam contradições em nosso sistema social. Essas contradições são, elas próprias, questões que precisam ser respondidas pela pesquisa. É o surgimento dessas contradições, e não as lacunas na literatura, que levam nossas perguntas de pesquisa. Estamos ansiosos para pesquisar essas contradições e construir conhecimento que seria útil para os movimentos, pois eles continuam a empurrar as contradições e fazer história.

Estamos em uma “batalha de ideias”, um termo desenvolvido por Fidel Castro nos anos 90. Acreditamos que temos que intervir em uma variedade de formatos para obter nossos pontos de vista contra um aparato ideológico hostil do Estado. Isso é parte do nosso desafio, para garantir a ponte entre os intelectuais e os movimentos – para obter as visões dos movimentos para as comunidades intelectuais e obter as visões dos intelectuais de nossos movimentos.

À medida que nosso trabalho se desenvolve, esperamos que ele possa contribuir para ampliar o trabalho dos movimentos populares e políticos e da sociedade (como em nosso recente **dossiê** sobre Kerala), bem como desenvolver novas formas de imaginar o futuro. Nossos companheiros do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** – Jipson John e Jitheesh PM – **entrevistaram** o economista Jean Dreze, que fala exatamente desses pontos. Jipson e Jitheesh perguntaram a Jean Dreze sobre a profissão de economia. Isto é o que Jean lhes disse:

Meu interesse não está na economia do desenvolvimento em si, mas no desenvolvimento, no sentido amplo de uma expansão das liberdades humanas. Dado esse interesse, a economia parecia uma disciplina importante a ser estudada. Assim são outras ciências sociais, mas elas são mais facilmente autodidatas do que a economia. Então, eu estudei economia, começando da maneira mais difícil com economia matemática e, em seguida, indo em direção à economia pública, economia do desenvolvimento e agora um interesse mais prático do que acadêmico no desenvolvimento.

Nos últimos dias, eu tive uma mistura de sentimentos em relação a economia ou a economia mainstream. Por um lado, é uma disciplina sofisticada e há muito a aprender com ela se estudarmos criticamente.

Há muitos estudiosos brilhantes na profissão e muitas pessoas boas também. Por outro lado, o estudo da economia vem com uma certa quantidade de doutrinação, baseada não tanto no que está sendo dito quanto no que não é dito.

Por exemplo, é possível passar por um PhD inteiro em economia sem nunca ouvir falar de coisas como classe, casta, exploração, guerra, propaganda, poder corporativo e outros tópicos que são essenciais para entender a economia e a sociedade de hoje.

Naturalmente, há uma literatura econômica especializada sobre cada um desses tópicos, mas eles não fazem parte do pensamento econômico cotidiano. Demora algum tempo e esforço para lançar as luzes intermitentes que tendem a vir com um diploma em economia.

Além disso, os economistas geralmente andam em círculos privilegiados, e isso muitas vezes influencia sua visão de mundo. A esse respeito, a profissão parece estar se desviando no momento, à medida que os economistas vão e voltam entre os departamentos da universidade, as comissões do governo, as instituições de Bretton Woods, os bancos de investimento e os think tanks patrocinadas. Os conflitos de interesse são abundantes e alguns institutos de pesquisa econômica se tornaram extensões virtuais do setor corporativo.

Idealmente, os economistas deveriam envolver não apenas instituições privilegiadas, mas também organizações de cidadãos, movimentos populares e o público em geral. Alguns fazem, mas há espaço para mais.

A foto acima é de Amélia Arujo e sua equipe time, gravando a Assembléia Nacional dos Povos na Região Libertada de Madina de Boé em 1973. Eles estão ampliando as vozes dos movimentos.

Como de costume, nós estamos ansiosos em ouvi-los (e de ter sua visita em nosso **website**, onde você pode

encontrar nossas cartas semanais passadas, dossiês, e documentos de trabalho). Por favor, entre em contato conosco.

Cordialmente,

Vijay.

PS: A imagem abaixo é de Yaa Asantewaa (1840-1921), a rainha mãe antiimperialista no Império Ashanti (atual Gana) que morreu em 17 de outubro de 1921. Em 1900, ela liderou a Guerra do Golden Stool contra Colonialismo britânico, declarando: “Devo dizer isto, se vocês, os homens de Ashanti, não seguirem adiante, então nós iremos. Nós as mulheres vamos. Eu chamarei minhas companheiras. Nós vamos lutar contra os homens brancos. Vamos lutar até que o último de nós caia nos campos de batalha.”

